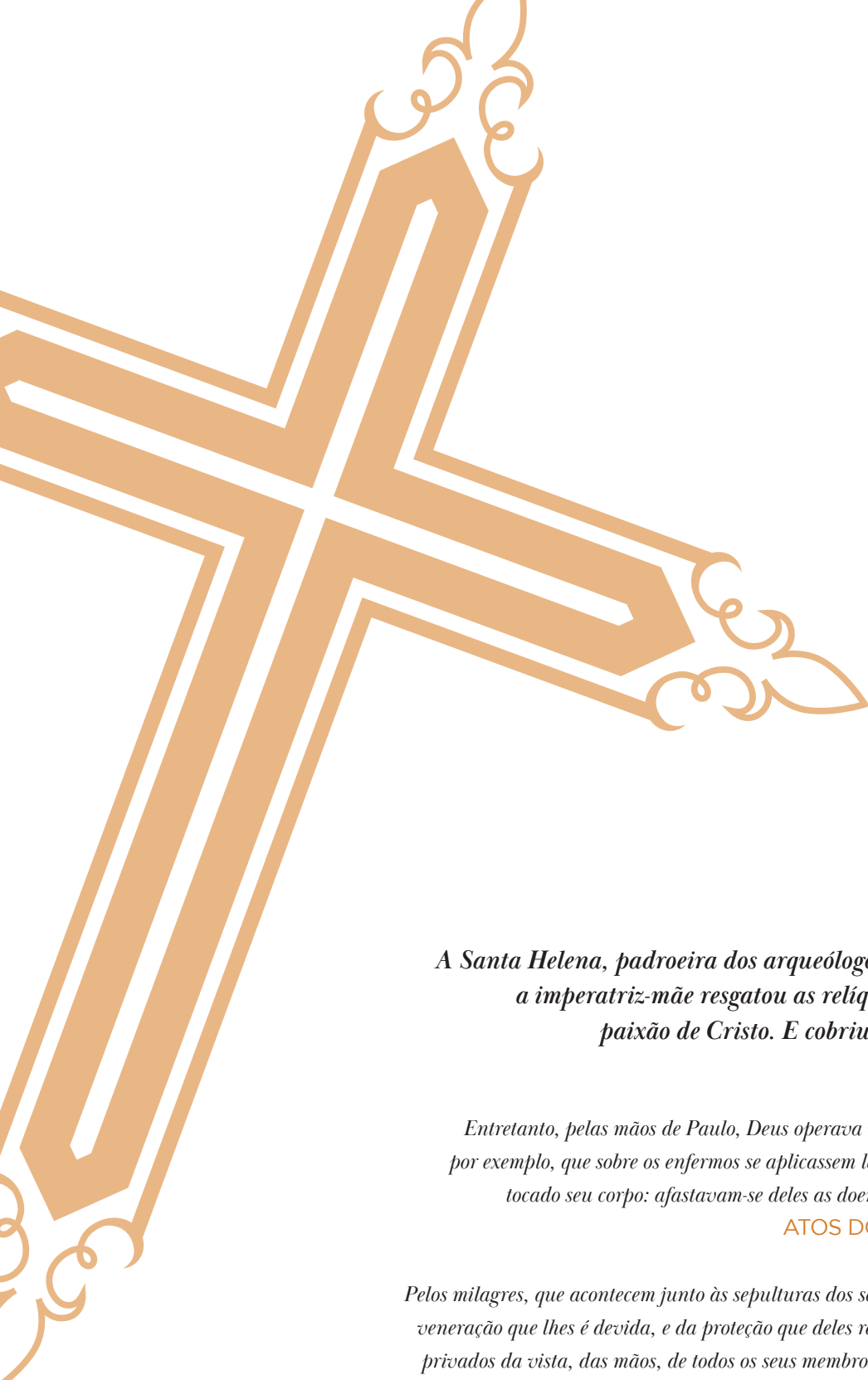




A Santa Helena, padroeira dos arqueólogos. No início do século IV, a imperatriz-mãe resgatou as relíquias mais importantes da paixão de Cristo. E cobriu o mundo de luz celestial.

Entretanto, pelas mãos de Paulo, Deus operava milagres não comuns. Bastava, por exemplo, que sobre os enfermos se aplicassem lenços e aventais que houvessem tocado seu corpo: afastavam-se deles as doenças, e os espíritos maus saíam.

ATOS DOS APÓSTOLOS (19,11-12)

Pelos milagres, que acontecem junto às sepulturas dos santos, haverá quem descreia da veneração que lhes é devida, e da proteção que deles recebemos? Homens que estavam privados da vista, das mãos, de todos os seus membros, recuperaram sua integridade primitiva; os mortos são restituídos à vida; os demônios são expulsos dos corpos humanos.

CATECISMO ROMANO (1566)

Veneramos, todavia, as relíquias dos mártires, a fim de adorarmos aquele de quem eles são mártires; honramos, sim, os servos, para que a honra prestada a eles recaia sobre o seu Senhor, que diz: “Quem vos recebe, a mim recebe”.

SÃO JERÔNIMO (404)



APRESENTAÇÃO

Relíquias sagradas. Falar sobre elas é, de certo modo, recordar a história e os milagres operados por Deus por meio dos santos. É também manter viva uma tradição que esteve presente nos primórdios do cristianismo. O culto às relíquias remonta aos tempos bíblicos do Antigo Testamento, onde abundam os milagres ocorridos por sua intercessão. No tempo de Nosso Senhor e dos apóstolos, enxergamos o poder das relíquias na mortalha de Cristo e no sudário que São Pedro e São João viram no sepulcro vazio. Essas relíquias participaram intimamente da paixão de Cristo e foram testemunhas de sua ressurreição.

Não é possível venerar os santos sem respeitar e venerar suas relíquias sagradas, que foram a morada espiritual da alma infundida das graças do Espírito Santo. É natural para os crentes, portanto, que os corpos dos santos que operaram milagres em vida continuem a fazê-lo após a morte. Eles são, afinal, os restos mortais daqueles que aguardam a ressurreição da carne, na glória do Deus Trino, no paraíso.

Desde as origens bíblicas aos dias de hoje, esta obra aborda as relíquias mais emblemáticas da cristandade. Em um fascinante passeio pela história, pelas lendas douradas e pela ciência, os autores revelam fatos já esquecidos da herança cultural da Igreja, trazendo à tona informações inéditas. A aventura seria estéril, entretanto, se não apontasse para algo além deste mundo. Carlos Evaristo e Fábio Tucci Farah foram bem-sucedidos na missão de ressaltar o caráter sobrenatural desse importante sacramental. As relíquias são apresentadas como vitrais do paraíso; ao mesmo tempo que nos permitem vislumbrar o Reino Celeste, inundam o mundo com a sua luz.

O arqueólogo e historiador Carlos Evaristo é um reconhecido perito internacional em relíquias, tendo colaborado com a postulação carmelita e com a Sagrada Congregação para as Causas dos Santos no processo de canonização de São Nuno de Santa Maria Álvares Pereira. Também é o fundador da Cruzada Internacional pelas Relíquias Sagradas e do Apostolado pelas Relíquias Sagradas, os maiores movimentos da Igreja no setor. Informações inéditas que enriquecem as próximas páginas são fruto de largas décadas dedicadas ao estudo, pesquisa e análise das mais importantes relíquias da Igreja católica.

Especialista em relíquias da arquidiocese de São Paulo, Fábio Tucci Farah tem promovido atividades para resgatar esse importante sacramental no Brasil, como a apresentação de relíquias em cerimônias religiosas e a fundação do Departamento de Arqueologia Sacra da Academia Brasileira de Hagiologia (ABRHAGI). Com sua experiência de jornalista e escritor, Farah ajudou a dar um ritmo do século XXI a histórias que atravessam os milênios.

Estou certo de que esta obra será uma referência para os devotos das sagradas relíquias, e espero que contribua para um renovado interesse nesse importante sacramental que relembra, acima de tudo, os exemplos de fé, esperança e caridade vividos de forma heroica pelos santos.

*Dom José Saraiva Martins,
cardeal e prefeito emérito da Congregação para as Causas dos Santos*

SAGRADAS RELÍQUIAS: UM ENCONTRO COM DEUS

“Se eu conseguir ao menos tocar em seu manto, ficarei curada” (Mt 9,21). Os Evangelhos sinóticos sondaram o coração da mulher que desejava se livrar de um fluxo de sangue. Fazia doze anos que sofria com aquela doença. Embora seu nome não tenha sido registrado, ela nos leva à presença de Nosso Senhor e nos faz testemunhar algo extraordinário. Ao sentir uma força sair de si, Cristo se volta para a multidão à procura de quem, sorrateiramente, tocou a “extremidade de sua veste”. “Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz e fica curada desse teu mal” (Mc 5,34), anuncia Jesus ao flagrar a hemorroíssa. Muito se discursou sobre esse episódio, ora destacando a humildade da mulher, ora exaltando a misericórdia divina. Mas há um aspecto raramente enfatizado. Esse milagre traz à luz um tema bastante esquecido em nossos dias e amplamente tratado neste livro: as sagradas relíquias.

Ainda em Atos dos Apóstolos, descobrimos que lenços e aventais que tocaram o corpo de São Paulo eram usados para curar doenças e expulsar demônios. A passagem é comumente evocada para justificar a devoção às sagradas relíquias. Para contemplar seu mais profundo significado, é oportuno ouvirmos o próprio São Paulo na sua primeira carta aos Coríntios: “Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte” (1Cor 12,27). Esses lenços e aventais que tocaram seu corpo, portanto, aparecem como extensões místicas do manto de Nosso Senhor. E essas relíquias operariam milagres como intermediárias da graça ao encontro da fé humana, tal como ocorreu com a hemorroíssa.

Seguindo o exemplo de São Paulo e dos outros apóstolos, executando São João, milhares de cristãos foram massacrados sob o Império Romano. Descartados como lixo, os corpos dos mártires eram cuidadosamente recolhidos e sepultados. Havia algo além do desejo de dar um sepultamento digno aos homens e mulheres que derramaram o sangue pela fé. Seus corpos eram amplamente venerados por recordarem a paixão de Nosso Senhor. E operavam milagres por estarem unidos, intimamente, ao sacrifício redentor de Cristo. Não à toa, suas sepulturas transformavam-se em altares para a realização de missas. Naquela época, nasceu a tradição de guardar relíquias, preferencialmente de mártires, sob o altar-mor das igrejas.

Com a ascensão de Constantino, Santa Helena – padroeira dos arqueólogos – partiu em peregrinação à Terra Santa em busca dos sinais tangíveis da presença de Nosso Senhor. Em Jerusalém, Santa Helena teria encontrado, ao lado de São Macário, as relíquias mais preciosas da paixão, como a Santa Cruz e os pregos usados na crucificação. Divididas e distribuídas pelo Império, elas se tornaram alicerces visíveis na construção da civilização cristã. Os cristãos poderiam, finalmente, “tocar” em Cristo. Cerca de quinhentos anos depois, a cristandade latina era ameaçada pela dominação moura. Dessa vez, a salvação chegou com a descoberta inesperada dos ossos de São Tiago. O apóstolo parecia ter voltado a bradar o Evangelho desde a fronteira do mundo até então conhecido. O episódio marcou o início do fenômeno da peregrinação em massa e ajudou a moldar a Europa. O que, afinal, os milhares de peregrinos buscavam ao se lançarem na incerta aventura de chegar ao sepulcro de São Tiago? Buscavam a companhia daquele que foi um dos mais próximos discípulos de Cristo. E, com ele, iniciavam a verdadeira peregrinação, a que leva ao Reino dos Céus.

Nas últimas décadas, a devoção às relíquias praticamente desapareceu. Enquanto arrefecia no seio da Igreja, milhares de relíquias passaram a abastecer um mercado ilegítimo, conforme o *Código de Direito Canônico*. Na tentativa de protegê-las da profanação e de resgatar um sacramental quase esquecido, o arqueólogo e historiador Carlos Evaristo fundou o Apostolado pelas Relíquias Sagradas e a Cruzada Inter-

nacional pelas Relíquias Sagradas, iniciativas que contaram com o apoio de Santa Teresa de Calcutá e da Irmã Lúcia. No ano passado, Evaristo coroou a missão com a reinauguração, em Ourém (Portugal), da Regalis Lipsanoteca, oratório com um dos maiores acervos de relíquias fora do Vaticano. Nomeado curador adjunto, Fábio Tucci Farah atua como especialista em relíquias da arquidiocese de São Paulo desde 2016, onde desenvolve um trabalho – pioneiro no Brasil – para a valorização do culto aos santos por meio de suas sagradas relíquias. Pelas mãos desses dois autores, fundadores do Real Instituto de Arqueologia Sacra, os leitores mergulharão na história fascinante de grandes tesouros da cristandade, desde as raízes bíblicas até os nossos dias. E conseguirão perceber que eles jamais perderam o brilho.

Em pleno século XXI, as relíquias continuam sendo um valioso sacramental da Igreja, confirmado pela instrução “As relíquias na Igreja: Autenticidade e conservação” (Roma, 2017). A aproximação de qualquer relíquia sagrada nos torna semelhantes à mulher que desejava ser curada. Com uma fé sincera e simples, alcançamos milagres e, o mais importante, atraímos o olhar de Deus. Na presença das relíquias sagradas, as portas do céu se abrem, e Cristo nos diz: “Meu filho, a tua fé te salvou; vai em paz e fica curado do teu mal”. Voltamos para casa transformados, com a esperança renovada do encontro definitivo com aquele que nos salvou.

*Dom Odilo Pedro Scherer,
cardeal e arcebispo de São Paulo*



PREÂMBULO: RELÍQUIAS E SEUS GUARDIÕES

Há quase vinte anos, em uma visita a um dos maiores museus londrinos, uma peça do acervo prendeu minha atenção. O imponente objeto dourado, com preciosos ornamentos, servia de suporte a dois fragmentos de madeira. Formavam uma cruz. Sua origem remontava a uma das relíquias mais cobiçadas da cristandade. E sua dimensão histórica era colossal.

No início do século IV, Santa Helena partiu em peregrinação à Terra Santa. Em Jerusalém, a mãe do imperador Constantino esteve à frente da primeira expedição arqueológica cristã. Ao voltar para a Cidade Eterna, carregava na bagagem importantes relíquias da paixão de Cristo, símbolos tangíveis da fé que, em pouco tempo, se alastraria pelo maior império do mundo. À primeira vista, aqueles fragmentos de madeira no museu britânico eram testemunhas privilegiadas da história. E a história era fascinante.

Nos dias que se seguiram ao passeio, vieram à tona lembranças de minha história pessoal há muito engavetadas; uma delas, particularmente, persistente: a imagem do crucifixo pendurado acima do altar-mor na igreja de minha infância. A reminiscência se transformou em chamado. O chamado para retornar a um velho caminho.

Desde que meus olhos se abriram para a dimensão sobrenatural das sagradas relíquias, passei a dedicar parte de meu tempo – e de minhas viagens – ao seu estudo. Em minha busca, conheci herdeiros de uma missão sagrada. E milenar. Alguns dos guardiões de relíquias

eram descendentes de antigas linhagens da nobreza europeia e zelavam pelo espólio familiar. Um dos casos mais notórios era a custódia do santo sudário pela dinastia de Savoia até 1983, quando a relíquia foi doada ao Vaticano.

A maior parte dos guardiões que conheci, no entanto, não recebera o ofício de antepassados notáveis, mas fazia parte de uma tradição que remontava aos primórdios do cristianismo e era valiosa, sobretudo, nos momentos mais sombrios; momentos em que os tesouros celestes poderiam ter sido destruídos e profanados. Durante as Guerras Napoleônicas e a Guerra Civil Espanhola, por exemplo, o Santo Graal foi salvo por pessoas do povo recrutadas pela divina Providência.

No século XXI, as relíquias enfrentam outros inimigos, alguns bastante sutis, como a crescente secularização e o desprestígio no seio da Igreja católica, legítima proprietária de todas as relíquias cristãs. Nos últimos tempos, centenas de templos foram despojados de suas joias. Milhares delas tornaram-se alvo da cobiça de colecionadores de antiguidades, que em nada se assemelham aos autênticos guardiões. E várias passaram a fazer parte do acervo de afamados museus. A despeito do discurso sobre a preservação do patrimônio da humanidade, expor relíquias em museus, incluindo os sacros, onde não podem ser devidamente veneradas, é reduzi-las à dimensão histórica.

Em certo momento da jornada, um dos maiores guardiões do mundo cruzou meu caminho. Carlos Evaristo transformou a missão sagrada em apostolado internacional, abençoado pela Irmã Lúcia, uma das três videntes de Fátima, e por Madre Teresa de Calcutá, canonizada em setembro de 2016. Mais do que resgatar e proteger relíquias, ele conseguiu congrega milhares de guardiões, de várias procedências, em uma única associação, a International Crusade for Holy Relics (ICHR) – ou Cruzada Internacional pelas Relíquias Sagradas –, e iniciou uma bem-sucedida campanha para restaurar o apropriado culto às relíquias. Também fundou o prestigiado Apostolado pelas Relíquias Sagradas, responsável pelo estudo científico do tesouro sacro e pela autenticação de relíquias, cujo trabalho é requisitado até pelos museus do Vaticano. Por suas mãos, tornei-me membro do Apostolado, dele-

gado brasileiro da ICHR e curador adjunto da Regalis Lipsanoteca. Em 2016, recebi de dom Odilo Pedro Scherer, cardeal e arcebispo de São Paulo, a tarefa de promover a reta devoção às relíquias na maior arquidiocese do país. Como parte dessa missão, convidei Carlos Evaristo para escrever, a quatro mãos, ensaios sobre as principais relíquias da cristandade. Inicialmente publicados em um portal católico (Paraclitus), eles foram reunidos pela primeira vez neste livro, que conta ainda com textos inéditos. Por serem independentes, podem ser lidos separadamente ou na sequência sugerida.

Há algumas semanas, fui questionado sobre a importância de um guardião de relíquias em pleno século XXI. Prestes a dar uma resposta enfatizando os aspectos históricos, lembrei-me dos fragmentos de madeira no museu londrino. Em minha segunda visita, poucos dias após aquela primeira, a relíquia reluzia mais que o ouro ao seu redor. E apontava para algo além deste mundo. Sua história atravessava quase dois milênios e se cruzava com a de milhões de pessoas. E eu estava entre elas. Abri um sorriso e respondi à pergunta insidiosa: “Ajudar as pessoas a espiar o paraíso”. Espero que as páginas seguintes abram algumas janelas para o Reino dos Céus...

*Fábio Tucci Farah,
perito em relíquias da arquidiocese de São Paulo
e jornalista especializado em arqueologia sacra*